



PASTORAL DA TERRA

Comissão Pastoral da Terra

Abril a Junho de 2015

Ano 40 – Nº 220



Foto: João Ripper

40 anos caminhando com o povo da terra

págs.: 8 e 9

XXVII Assembleia Nacional da CPT eleger nova diretoria e coordenação nacional

págs.: 5



Foto: CPT Nacional

EDITORIAL

CPT 40 anos caminhando com o povo da terra

Um encontro de Bispos e Prelados da Amazônia, em Goiânia, entre os dias 19 e 22 de junho de 1975, convocado oficialmente pela Comissão Brasileira de Justiça e Paz (CBJP) marca o início da Comissão Pastoral da Terra (CPT). 67 pessoas, de 27 dioceses ou prelazias estavam presentes.

O clima do encontro teve momentos de tensão. Eram tempos da ditadura militar. Pessoas estranhas circulavam nos arredores do prédio onde a reunião era realizada, no atual Centro Pastoral Dom Fernando. Seriam agentes de informação? Dom Fernando, com a firmeza que o caracterizava, mandou que se retirassem.

Nos debates, divergências se expressaram. Alguns acreditavam que o governo tinha intenção de resolver os conflitos agrários, como o professor Cândido Mendes, presidente da CBJP. A maioria não dava crédito ao que viesse dos militares. Mesmo assim, uma comissão delegada pelo encontro, formada por três bispos, redigiu uma carta que foi enviada ao presidente Ernesto Geisel, urgindo a necessidade da Reforma Agrária. Como escreveu Dom Moacir, ao completar a CPT 25 anos, “é muito provável que essa carta, no conteúdo e na forma, tenha sido uma maneira de testar o que foi anunciado por Cândido Mendes de Almeida no Encontro – que o governo Geisel teria, segundo Golbery de Couto e Silva, disposição de resolver os conflitos ligados à terra. Se foi essa a intenção, valeu a pena para perceber, de imediato, como esta fora uma propaganda enganosa”.

Passados 40 anos, agora vamos comemorar com a realização do IV Congresso Nacional da CPT, em Porto Velho, na Rondônia, em plena Amazônia. São esperadas em torno de 1.000 pessoas, entre agentes da Pastoral, trabalhadoras e trabalhadores, assessoras e assessores, convidadas e convidados. Mesmo diante da noite escura por que passam nossas comunidades, diante do descaso político em reconhecer os territórios a que povos e comunidades têm direito, da impunidade que marca a (in)justiça brasileira, a CPT não desiste de ser companheira dos que sofrem. Faz escuro, mas eu canto! Memória, Rebelião e Esperança dos Pobres da Terra, este é o lema deste Congresso. Como diz a mensagem final da XXVII Assembleia Geral da CPT, “reconhecemos a noite dos tempos difíceis que vivemos e celebramos a madrugada camponesa no compromisso radical de 40 anos com as lutas dos povos da terra”.

As experiências que os regionais selecionaram e que vão ser apresentadas nas sete tendas do Congresso mostrarão a cara da CPT e vão indicar quais os caminhos por onde a CPT deve trilhar.

Neste Congresso, vai ser muito sentida a falta de Dom Tomás e Dom Moreira. Já se passou um ano de suas Páscoas. Lá do alto eles devem estar acompanhando atentamente o que vai se passar em Porto Velho. Lá estaremos vibrando com a beatificação de São Oscar Romero de América, fato que aconteceu em 23 de maio.

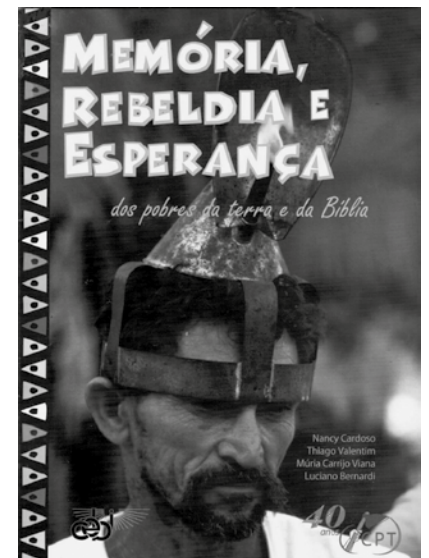
Nesta edição, confira ainda como foi o lançamento do Conflitos no Campo Brasil 2014, o 2º Encontro das Comunidades e Povos do Cerrado, e a visita que Dom Eugênio Rixen fez ao Canadá, em nome da CPT.

Boa leitura.



MEMÓRIA, REBELDIA E ESPERANÇA: Dos pobres da terra e da Bíblia

Com este título, o Centro de Estudos Bíblicos (CEBI), publicou o número 328 de sua Coleção Palavra na Vida (PNV). É uma publicação diretamente relacionada ao IV Congresso Nacional da CPT, seguindo os três eixos a serem trabalhados no Congresso: Memória, Rebelião, Esperança. Os autores, todos da CPT, Nancy Cardoso, Thiago Valentim, Múria Carrijo Viana e Luciano Bernardi nos brindam com textos que conduzem a três momentos: o primeiro de conhecimento da realidade da terra no Brasil; o segundo, de conhecimento da história, espiritualidade e missão da CPT; o terceiro é formado de três encontros, três círculos bíblicos, em torno dos três eixos do IV Congresso. Estes encontros levam à reflexão sobre como a Bíblia está presente na caminhada da CPT.



Sonetos: uma experiência contada em versos



É um livro de Dom Augusto Alves Rocha, ex-presidente da CPT, entre os anos 1987 e 1993. Em 2013, ao completar 80 anos, atendendo um desejo da família, Dom Augusto reuniu uma série de sonetos elaborados ao longo dos anos. Edições CNBB os publicou ainda em 2013, como terceiro título da Coleção Testemunhos. Aos Sonetos, agregou-se uma segunda parte do livro com textos sobre a trajetória de Dom Augusto, como primeiro bispo da Diocese de Picos, como amigo, pastor, uma alma eclesial, e na sua relação com o MEB – Movimento de Educação de Base. No livro, Dom Tomás Balduino e Antônio Canuto apresentaram Dom Augusto como Pastor Nordestino e Presidente da

CPT. Na presidência da CPT, ele enfrentou momentos conturbados, pois a pastoral recebia críticas dentro da Igreja e enfrentava um cenário social e político mais que adverso. Com discrição e firmeza, ele conduziu a CPT na superação de todos os obstáculos que se apresentavam.



É uma publicação da Comissão Pastoral da Terra – ligada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).
Secretaria Nacional: Rua 19, nº 35, ed. Dom Abel, 1º andar, Centro, Goiânia, Goiás. CEP 74030-090.
Fone: 62 4008-6466. Fax: 62 4008-6405.
www.cptnacional.org.br comunicacao@cptnacional.org.br

Presidente
Dom Enemésio Lazzaris

Vice-presidente
Dom André Witt

Coordenadores Nacionais
Paulo César Moreira
Jeane Bellini
Thiago Valentim
Ruben Siqueira

Redação
Cristiane Passos
Antônio Canuto
Elvis Marques
Rede de comunicadores da CPT

Jornalista responsável
Cristiane Passos (Reg. Prof. 002005/GO)

Impressão
LSV Produção Gráfica Ltda.

Diagramação
Vivaldo Silva Souza

APOIO

Brot für die Welt

CANADIAN CATHOLIC ORGANIZATION FOR
Development and Peace



MISEREOR
IHR HILFswerk

ASSINATURAS

Anual R\$ 10,00.

Pagamento pode ser feito através de depósito no Banco do Brasil, Comissão Pastoral da Terra, conta corrente 116.855-X, agência 1610-1.

Informações canuto@cptnacional.org.br



Durante protesto em Belo Monte, trabalhadores são atropelados e mortos

No dia 18 de maio, camponeses da região do Xingu (PA) bloquearam a rodovia Transamazônica e acessos dos canteiros de obras da usina de Belo Monte para cobrarem do Governo Federal, entre outras coisas, regularização fundiária e extensão do projeto Luz Para Todos. Durante o ato, um carro em alta velocidade avançou sobre os manifestantes e os atropelou, o que causou a morte de Daniel Vila Nova e Leidilene Machado. Em Nota, o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) denunciou que “essa ação não partiu apenas de alguém descontente com a rodovia trancada, há indícios de que foi uma ação premeditada e criminosa”. O motorista ainda não foi preso.

Antes disso, no dia 15 de maio, o trabalhador rural João Miranda, 35 anos, foi assassinado por pistoleiros na fazenda Santa Terezinha, em São Félix do Xingu (PA). A esposa de João, que o acompanhava, foi baleada, mas conseguiu fugir e se esconder dos criminosos. A fazenda, onde ocorreu o crime, está ocupada há dois anos por sem terras. A reintegração de posse da área está suspensa.

Presidente de associação rural é assassinado em Rondônia

Paulo Justino Pereira, 51 anos, presidente da Associação Vladimir Lênin, no município de Buritis (RO), foi assassinado a tiros, no dia 1º de maio. Um dia antes de morrer, Paulo havia participado de reunião, no INCRA de Porto Velho, com representantes de órgãos agrários para denunciar as ameaças sofridas pelas famílias do Acampamento Rio Pardo. Nesta reunião foi discutida a destinação da fazenda Guerin, que é reivindicada pelos integrantes do acampamento. Apesar das várias reuniões já realizadas, a Liga Operária, que acompanha o caso, destacou que casos como o de Paulo têm se repetido em Rondônia, pois os trabalhadores se reúnem com representantes do Estado, denunciam os conflitos, mas não há resolução.

Em uma semana, três indígenas são assassinados

O agente indígena de saneamento Eusébio Ka'apor, 42 anos, da aldeia Xiborendá, no Maranhão, foi assassinado no dia 26 de abril. Ele voltava de uma aldeia da região quando dois homens encapuzados o abordaram e atiraram em suas costas. O crime teria ocorrido, segundo índios Ka'apor, devido às ações dos indígenas de combate à exploração ilegal de madeira na Terra Indígena (TI).

Quatro dias depois desse crime, o agente indígena de saúde Adenilson da Silva Nascimento, 54 anos, foi assassinado por pistoleiros numa estrada nas proximidades da aldeia Serra das Trempes, TI Tupinambá de Olivença, na Bahia. Adenilson voltava de uma pescaria com a esposa e os dois filhos quando foram abordados por três pistoleiros encapuzados e armados. Ele morreu na hora. A

mulher ficou ferida. E as crianças não se feriram.

Também na Bahia, no dia 3 de maio, Gilmar Alves da Silva, 40 anos, seguia de moto para a aldeia Pambú, do povo Tumbalalá, município de Abaré, quando um carro bateu nele e o jogou no chão. Em seguida, ele foi baleado. Gilmar ainda conseguiu chegar à aldeia, mas não resistiu e morreu.

4º ato em memória de José Cláudio e Maria do Espírito Santo

No dia 24 de maio completaram-se quatro anos do assassinato de José Cláudio e Maria do Espírito Santo, em Nova Ipixuna (PA). Representantes dos movimentos sociais, trabalhadores rurais, estudantes e familiares do casal realizaram ato ecumênico e atividades culturais no local onde ocorreu o crime. Em Nota divulgada por organizações e familiares dos ativistas, foi lembrado que José Rodrigues, mandante do crime, foi absolvido no julgamento ocorrido em Marabá, em 2013. Após isso, advogados dos familiares e o Ministério Público entraram com recurso no Tribunal de Justiça do Pará contestando a deci-

são. Com isso, o julgamento foi anulado e o acusado teria que ser preso. No entanto, nove meses após a decisão, o mandado de prisão não foi expedido e o acusado continua em liberdade.

Em sua página no Facebook, Claudelice Santos, irmã de José Cláudio, agradeceu às organizações e movimentos sociais que participaram do 4º ato em memória de Zé Cláudio e Maria. “Somos honrados por ter amigos e companheiros que todos os anos caminham junto conosco por justiça e contra toda violação de direitos que acontecem principalmente na nossa região”.

Foto: Claudelice Santos



Juventude realiza atividades em apoio a Acampamento de Pescadores

Foto: CPT Rio Grande do Sul



Nos dias 18 e 19 de abril aconteceu o Acampamento de JuventudeS - Utopia e Luta, na Lagoa dos Patos, em Pelotas (RS). A atividade foi realizada em apoio ao processo de resistência dos pescadores na região. A atividade foi construída em parceria com o CEBI-RS, Cáritas, CPT e a Rede Ecumênica da Juventude (ReJu). O Encontro debateu o Pluralismo Religioso e seus desafios e Juventude, Espiritualidade e Sociedade, e sobre Gênero e sociedade. Os participantes, junto com os pescadores, caminharam pela colônia Z3, pelo fim da Intolerância religiosa. No local foi realizado um ato contra as depredações à imagem de Iemanjá e contra a poluição das águas da lagoa.

2º intercâmbio Estadual das Mulheres da CPT Mato Grosso

Entre os dias 28 e 30 de maio aconteceu o 2º Intercâmbio Estadual das Mulheres da CPT-MT, em Porto Alegre do Norte (MT). O Intercâmbio é um espaço de partilha das experiências, saberes, sabores e criatividade das mulheres do Campo e da Cidade. Esse segundo encontro foi assessorado por Nancy Cardoso Pereira, pastora metodista e agente da CPT Bahia. Como no primeiro Encontro, o evento foi dividido em duas partes: Processo de formação a partir da realidade de cada uma; e realização da Feira Agroecológica e Solidária, onde as mulheres trazem alimentos e artesanatos produzidos por elas, para serem expostos e vendidos. A proposta de reunir as mulheres da CPT surgiu a partir de um Encontro de Intercâmbio das mulheres da Baixada Cuiabana (comunidade de Baús e Cuiabá).

FORMAÇÃO

Membros das Pastorais do Campo concluem especialização na UnB

Iniciado em 2013, o curso de especialização foi realizado através de parceria entre Articulação das Pastorais do Campo e Faculdade UnB Planaltina (FUP). As monografias foram defendidas no início de maio.

ELVIS MARQUES*

Nos dias 6 e 7 de maio, após quase dois anos de estudos, membros das Pastorais do Campo concluíram o curso de especialização em “Desenvolvimento e Relações Sociais no Campo: diversidade e interculturalidade dos povos originários, comunidades tradicionais e camponesas do Brasil”. As monografias foram apresentadas no Campus de Planaltina da Universidade de Brasília (UnB). Essa turma foi composta por agentes e missionários da Comissão Pastoral da Terra (CPT), Conselho Indigenista Missionário (Cimi) e Conselho Pastoral dos Pescadores (CPP).

O Curso de Especialização, iniciado em 2013, foi criado no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural



Foto: Gilmar Ferreira

(PPG-MADER) da Faculdade UnB Planaltina (FUP), e foi realizado em convênio com a Articulação das Pastorais do Campo. Esse curso foi desenvolvido com o objetivo de possibilitar um espaço de formação e de pesquisa acadêmica sobre a diversidade camponesa, étnica e cultural. A especialização foi realizada em quatro etapas, em julho de 2013, fevereiro e julho de 2014, e a última, agora, em maio de 2015.

Em seu trabalho de conclusão de curso, o agente da CPT Bahia, Gilmar Ferreira Santos, abordou os impactos sociais, ambientais e econômicos que as empresas de mineração e energia eólica têm provocado na Comunidade de João Barroca, em Caetitê, município baiano. “Os temas defendidos nas bancas tiveram relação direta com os trabalhos de cada pastoral, enfocando questões ligadas aos povos e comunidades tradicionais do campo, da floresta e povos originários, com enfoques na questão da terra e território, reforma agrária, conflitos, identidade camponesa, agroecologia, justiça ambiental, e outros”, contou Gilmar.

Ele avaliou que esse processo de formação nacional foi importante, pois “proporcionou uma riqueza de conhecimentos através das trocas de saberes entre cada pastoral, e do

intercâmbio e troca de experiências”, diz o agente, que ainda ressaltou a importância de expor e refletir conjuntamente com a academia as experiências e a realidade do campo, onde cada pastoral se insere.

Enquanto a turma da UnB está fechando mais esse ciclo de formação, um grupo, em Goiânia (GO), deu início, neste ano, ao Curso de Especialização em Direito Agrário. A formação é organizada pela Articulação das Pastorais do Campo e em parceria com a Universidade Federal de Goiás (UFG). Composto por cinco módulos e com término previsto para 2017, a especialização conta com cerca de 40 alunos e alunas, da CPT, CPP, Pastoral do Migrante, Cáritas Brasileira e Cimi.

*Setor de Comunicação da Secretaria Nacional da CPT

Encontro da Campanha da CPT de Prevenção e Combate ao Trabalho Escravo aconteceu em São Félix do Araguaia

RAFAEL OLIVEIRA E CLÁUDIA ARAÚJO*

A histórica cidade de São Félix do Araguaia, no Mato Grosso, recebeu entre os dias 21 e 25 de abril o Encontro Nacional da Campanha de Prevenção e Combate ao Trabalho Escravo, “De Olho Aberto para Não Virar Escravo”, e a primeira etapa do plano de formação de agentes da Campanha da Comissão Pastoral da Terra (CPT) de 2015. Com o tema: “CPT – missão, história, espiritualidade e Teologia da Libertação”, o encontro foi assessorado por Ruben Siqueira, membro da CPT Bahia e da coordenação executiva nacional da CPT. Estiveram presentes agentes pastorais de oito estados atuantes na Campanha: BA, MA, MG, MT, PA, PI, RO e TO, além de

integrantes do Centro de Defesa da Vida e dos Direitos Humanos Carmen Bascarán, de Açailândia (MA).

Um dos objetivos do encontro foi avaliar os desafios, dificuldades e avanços da Campanha, e socializar as experiências de cada equipe no coletivo. Os dois primeiros dias se basearam na formação desses agentes. Além disso, o encontro foi um momento para discutir e lembrar o que é a CPT, abordando a missão, espiritualidade e a relação com a Teologia da Libertação.

Em depoimento, Ruben Siqueira falou sobre como foi estar pela primeira vez em São Félix, encontrar Dom Pedro Casaldáliga, e visitar locais que pulsam histórias de resistência e luta do povo. “Sinto-me renovado na fé e na Caminhada, pela visita ao Santuário dos Mártires em Ribeirão Cascalheira, sob chuva grossa; pela reza matinal



Foto: Cláudia Araújo

no Cemitério (abandonado) dos Peões, a cheia do Araguaia quase o invadindo; pelo filme sobre Pedro [Casaldáliga], Descalço sobre a terra vermelha, e pelo emocionado reencontro com ele depois de tanto tempo”.

Naturalmente, a história da CPT também foi trabalhada com especial atenção, principalmente pelo local onde o encontro foi realizado. O município de São Félix do Araguaia e região são símbolos da

resistência dos camponeses e dos povos indígenas diante da exploração do latifúndio. E São Félix é a morada de Dom Pedro Casaldáliga, um dos fundadores da CPT e a primeira figura a fazer uma denúncia pública referente à existência de trabalho escravo no Brasil. Já na noite do dia 24 houve uma celebração presidida pelo padre Saraiva, da Prelazia de São Félix, em comemoração aos 18 anos da Campanha “De Olho Aberto para Não Virar Escravo”. Estar em uma terra recheada de história e mística reanimam e inspiram a caminhada dos agentes da Campanha, que tomam como exemplo Dom Pedro Casaldáliga em sua entrega a uma missão de partilha e acolhimento do povo camponês.

*Campanha da CPT de Combate ao Trabalho Escravo

XXVII ASSEMBLEIA NACIONAL DA CPT

Assembleia da CPT elege nova coordenação executiva e direção nacional

Reunidos no Centro de Formação Vicente Cañas, em Luziânia, Goiás, entre os dias 17 e 19 de março, cerca de 75 pessoas entre agentes da CPT, trabalhadores e trabalhadoras, escolheram a nova diretoria nacional e coordenação executiva nacional da CPT, para os próximos três anos.

Dom Enemésio Lazzaris, bispo de Balsas, no Maranhão, foi reeleito como presidente da Comissão Pastoral da Terra (CPT). Dom André de Witte, bispo de Ruy Barbosa, na Bahia, foi eleito como vice-presidente. Os dois bispos irão compor a direção nacional da CPT. Jeane Bellini, agente histórica da CPT nos regionais Araguaia/Tocantins e Mato Grosso, atualmente contribuindo no Centro de Documentação Dom Tomás Balduino, da Secretaria Nacional da CPT; Ruben Siqueira, agente da CPT Bahia e um dos coordenadores, nos últimos dez anos, do Projeto São Francisco Vivo; Paulo César Moreira, agente da CPT no Mato Grosso e Thiago Valentim, agente da CPT no Ceará, ambos jovens e atuantes na luta da CPT, foram os eleitos e eleita para a coordenação executiva nacional da CPT. Para a suplência foram eleitas duas agentes da CPT, Isabel Cristina Diniz, da CPT Paraná e Darlene Braga, da CPT Acre.

CARTA FINAL DA XXVII ASSEMBLEIA NACIONAL DA CPT

Faz escuro, mas eu canto: memória, rebeldia e esperança

Reunidos/as em assembleia confirmamos nossa caminhada de Pastoral da Terra. Animados/as pela organização do IV Congresso da CPT em julho de 2015, reconhecemos a noite dos tempos difíceis que vivemos e celebramos a madrugada camponesa no compromisso radical de 40 anos com as lutas dos povos da terra.

“Nenhuma família sem casa! Nenhum camponês sem terra! Nenhum trabalhador sem direitos!” (Papa Francisco).

Faz escuro, companheirada!

a bancada ruralista, o agro e hidronegócio, as mineradoras, madeireiras, os grandes projetos do capital, o trabalho escravo, o judiciário criminalizador, as empresas de veneno e transgênico, o Legislativo que constantemente ameaça reduzir direitos já conquistados, os governos e suas polícias, as mídias golpistas e os setores conservadores do país fazem a noite demorada, obscurecem a democracia na negação



de direitos dos povos da terra e da cidade. Não querem permitir que a luz apareça!

Faz escuro, companheirada!

os direitos já fragilizados dos povos indígenas, quilombolas, assentados e acampados, pescadores, ribeirinhos, vazanteiros, seringueiros, extrativistas, fundo e fechos de pasto, posseiros e camponeses são esmagados pelos interesses de um modelo de desenvolvimento que devora terras, territórios, tradições e modos de vida distorcendo a lei a seu dispor, cooptando e corrompendo processos e lideranças, usando a força e até assassinatos. Sofrem a juventude, as mulheres e crianças das comunidades. É uma noite escura e de medo: fica difícil de andar na escuridão. Querem os povos parados no escuro do medo.

Faz escuro, companheirada!

conquistas importantes acenderam luzes nos últimos anos fruto da luta no voto e nas lutas nas bases. Essas luzes prometiam a claridade de acesso aos direitos de terra, pão, trabalho e casa, saúde e dignidade. Mas o direito e o poder de “acender e apagar” continuou fora das nossas mãos. As reformas necessárias não vieram! Nem reforma agrária! Nem reforma urbana! Nem reforma política! Nem reforma do marco regulatório da mídia! Os governos negociam e negam nossas conquistas para

contentar as elites e impedem que programas e políticas acendam os caminhos da igualdade e da dignidade.

Faz escuro, companheirada!

em nome de Deus setores das igrejas cristãs apoiam políticos, governos e polícias que criminalizam a luta pela água, pela terra e na terra e abençoam o latifúndio e a privatização da natureza... querem apagar a luz do evangelho subversivo de Jesus vivo na vida dos pobres, homens e mulheres lutadoras do campo e da cidade. Querem fazer virar mercadoria o pão e a água da vida. Querem apagar as luzes das religiões de outras matrizes, altares de terreiros e rituais de torés. Faz escuro e silêncio na longa noite da religião do patriarcalismo, individualismo e consumismo.

Faz escuro companheirada!

Às vezes dentro de nós. Tantos desafios que não fomos capazes de enfrentar. Tantas novas relações entre nós que ainda não aprendemos a cuidar, conviver. ...faz escuro MAS eu canto! cantamos porque a manhã vai chegar!

Estendemos a mão mesmo no escuro e vamos ao encontro de quem está do nosso lado. Aprendemos a ver no escuro! Somos nós, companheirada, na rebeldia necessária de forçar o dia. Nos reconhecemos como comunidades de iguais: novas

formas de ser igreja no meio do povo, na luz de mártires da caminhada: Cristo vivo ressuscitado na humana solidariedade e no amor pelo mundo e seus viventes. Haja luz! (Gênesis 1, 3)

- cantamos a luta e a esperança no trabalho de base, na educação popular, na espiritualidade, nas diversas experiências da agricultura agroecológica, na formação permanente, na celebração dos saberes de ervas medicinais e valorização das sementes nativas e crioulas; com estas práticas adiantamos o dia, iluminamos nosso cotidiano... ninguém acende uma luz pra ficar escondida! (Lucas 8, 16)

- somos parte das ocupações de terra, denunciemos empresas e políticos, documentamos os conflitos e fazemos memória ativa das violências. Junto de nós nessa madrugada de rebeldia nos encontramos com os povos indígenas e quilombolas, assentados e acampados, pescadores, ribeirinhos, vazanteiros, extrativistas, fundo e fechos de pasto, posseiros, nas lutas pelos territórios e contra o avanço do capitalismo no campo. A luz brilha nas trevas! (João 1, 5)

- confirmamos na tradição de profetas que vieram antes de nós na luta radical contra o capitalismo no campo nas formas do trabalho escravo, latifúndio e o agronegócio e afirmamos a luta pela reforma agrária e um projeto camponês para agricultura brasileira, condições necessárias para a soberania alimentar, a defesa e vivência da natureza e a saúde de todos/as no campo e na cidade... O povo que andava em trevas viu grande luz! (Isaías 9, 2)

- sonhamos com a sociedade do bem viver e do conviver rumo à Terra sem Males. Nós somos o povo da esperança, o povo da Páscoa. O outro mundo possível somos nós! A outra Igreja possível somos nós! (Pedro Casaldáliga).

- convocamos todos e todas companheiros/as, parentes e amigos/as da CPT e da luta pela terra e na terra a caminhar conosco rumo ao IV Congresso fazendo memória, vivendo a rebeldia e antecipando a esperança.

XXVII Assembleia Nacional da CPT

Luziânia, 19 de março de 2015.

ARTICULAÇÃO DAS CPT'S DO CERRADO

2º Encontro das Comunidades e Povos do Cerrado é realizado em Luziânia

“Não há Cerrado sem as comunidades e povos do Cerrado, por isso precisamos fortalecer nossa identidade, articular e somar as forças em defesa do nosso Cerrado”- Carlos Walter Porto-Gonçalves.

ELVIS MARQUES*

Inspirados e inspiradas por essa frase do professor Carlos Walter, o 2º Encontro das Comunidades e Povos do Cerrado começou ao som de batuques, tambores, violão, chocalhos, e da cantoria do povo. Foi essa musicalidade que deu as boas-vindas aos 120 participantes do evento, ocorrido entre os dias 26 e 28 de abril, no Centro de Formação Vicente Cañas, em Luziânia (GO). A mística de abertura do Encontro trouxe apresentações culturais dos povos e comunidades do Cerrado, indígenas, quilombolas, camponeses e camponesas, fundo e fecho de pasto, geraizeiros, e outros mais.

Organizado pela Articulação CPT's do Cerrado, o evento discutiu o tema “Terra e Território defendidos: água e a biodiversidade preservadas”. Um dos objetivos do Encontro foi discutir o direito à terra e território e planejar a Campanha em defesa das comunidades e povos do Cerrado, que tem como foco principal envolver a sociedade no debate da preservação da água.

Participaram deste 2º Encontro representantes de comunidades tradicionais, assentados, acampados, membros de congregações religiosas e de universidades. Além disso, houve a participação de vários membros de organizações e movimentos sociais: Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Movimento Quilombola do Maranhão (Moquibom), Rede Grita Cerrado, Movimento Camponês Popular (MCP), Conselho Indigenista Missionário (Cimi), entre outros.

“Desafios no debate sobre a água”

Altair Sales Barbosa, pesquisador e professor da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO) e Ruben Siqueira, da coordenação executiva nacional da CPT, contribuíram na assessoria do Encontro, no qual abordaram os “Desafios no debate sobre a água”. Considerado um dos maiores estudiosos nacionais de Cerrado, Altair expôs várias especificidades desse bioma. A princípio, ele contextualizou a formação terrestre, depois como se deu o desenvolvimento da



Foto: Elvis Marques

água e do Cerrado. “De todos os ambientes da história recente do planeta terra, o Cerrado é o mais antigo. A Amazônia tem três mil anos, a Mata Atlântica tem sete mil anos, e o Cerrado, 65 milhões de anos. Isso significa que uma vez degradado, ele não se recupera jamais”, enfatizou.

E quando o assunto são as águas, Altair Sales destacou que estudos recentes mostram que cerca de 10 rios pequenos desaparecem por ano no Brasil, e os grandes rios cada vez mais diminuem sua vazão. Neste cenário, o professor ressaltou o quanto as águas que brotam no Cerrado são imprescindíveis para a vida de diversos rios brasileiros e sul-americanos. “A maioria dos rios da América do Sul, com algumas exceções dos rios Andinos, dependem dos rios que nascem no Cerrado”.

Recentemente, a falta d'água em São Paulo tem sido assunto rotineiro na grande mídia. Com isso, são recorrentes, também, reportagens e discursos sobre a importância do uso comedido de água pela população, porém o debate promovido pelos assessores neste Encontro mostra que a discussão precisa ser mais profunda. Ruben Siqueira argumentou que, por exemplo, não tem se discutido quem são os verdadeiros “vilões” no gasto e desperdício de água. Conforme dados apresentados pelo coordenador da CPT, no mundo, a agricultura consome 73% da água, 21% vão para a indústria, e 6% para os domicílios. Já quando o assunto é desperdício, segundo pesquisa,

a irrigação em grande escala é a responsável por 60% da água desperdiçada no Brasil.

Mini-plenárias e campanha

Durante o Encontro, os participantes se dividiram em três mini-plenárias. O professor da Universidade Federal do Pará (UFPA), Jerônimo Treccani, assessorou um dos grupos, que discutiu a regularização fundiária. Outra mini-plenária trabalhou o tema Território Tradicional - Modo de Vida, assessorado pelo agente da CPT Nordeste II, Plácido Júnior. E a terceira mini-plenária foi sobre Titulação e Demarcação, que teve como assessores o representante do Cimi,

Gilberto Vieira, e a líder quilombola Maria de Fátima. Ao longo dessas mini-plenárias, várias experiências de luta e resistência foram apresentadas. A trabalhadora Margarida Pereira, por exemplo, contou um pouco dos desafios enfrentados pela Comunidade Água Viva, em Rondônia.

Já nos dias 27 e 28, os participantes do Encontro discutiram propostas para a Campanha em defesa das comunidades e povos do Cerrado, que será lançada no segundo semestre. Foi neste momento, após discussões em grupo e em plenária, que se debateu, por exemplo, que essa Campanha precisa defender a aprovação da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 504/2010, que reconhece os biomas Cerrado e Caatinga como patrimônio nacional. E que os aquíferos, presentes no Cerrado, precisam ser defendidos e preservados.

Por fim, em uma breve frase, Plácido Júnior descreveu a experiência vivida ao longo desses dias. “Nos encantamos com a grande diversidade de Povos dos Cerrados e da diversidade que se articula nas lutas, que nos ensinam que estar na terra tem significados que vão além do econômico, que tem a ver com o legado dos nossos antepassados e com a capacidade criativa de pensar e nos comprometer com o presente e o futuro dos nossos Povos e dos Cerrados”.

*Setor de Comunicação da Secretaria Nacional da CPT.

Foto: Elvis Marques



CONFLITOS NO CAMPO BRASIL 2014

CPT lança dados de conflitos em 2014 e destaca impunidade como mantenedora da violência

No dia 13 de abril, a Comissão Pastoral da Terra (CPT) lançou sua publicação anual, Conflitos no Campo Brasil 2014. Na coletiva de imprensa, realizada na sede da CNBB, em Brasília, a Pastoral destacou a impunidade como a principal mantenedora da violência no campo. Além dela, a falta de uma efetiva reforma agrária e de políticas públicas que privilegiem os pequenos do campo, contribuem para os altos números de violência contra os pobres do campo.

CRISTIANE PASSOS*

A CPT destacou, que o estado com maior número de assassinatos foi o Pará, com nove casos, seguido de Rondônia e Mato Grosso. Outro dado alarmante destacado pela Pastoral foi o crescimento do número de tentativas de assassinato, que apresentou um aumento de 273%, passando de 15 casos em 2013, para 56 em 2014.

O maior índice de crescimento de conflitos e da violência no ano passado foi verificado nas regiões Sul e Sudeste.

O total de conflitos no campo cresceu 91% na Região Sul, passando de 56 ocorrências em 2013, para 107 em 2014. O mesmo ocorreu no Sudeste, com aumento de 56% nos casos - 162 em 2013 para 253 em 2014. Mesmo com o Sul e o Sudeste apresentando grande crescimento do número de conflitos, o Nordeste foi o que teve mais casos (418), seguido pela Região Norte (379).

A edição de 2014 marca os 30 anos da publicação, que é divulgada anualmente. Nesse período, foram registrados pela CPT 29.609 conflitos no campo, envolvendo 20.623.043 pessoas. Foram 23.079 conflitos por terra, 4.389 trabalhistas, 836 por água e 1.305 de outras naturezas. Entre 1985 e 2014, foram registrados 1.723 assassinatos em 1.307 ocorrências de conflitos.

Para Jeane Bellini, da coordenação nacional da CPT, um dado preocupante é o da punição dos envolvidos

nesse tipo de crime ao longo dos 30 anos. “Somente 108 casos foram levados a julgamento e pouco mais de 80 executados condenados. Dos 28 mandantes, nenhum deles está preso.”



Despejos

O relatório da CPT evidenciou o aumento no número de famílias despejadas, um número 92% maior. Este crescimento se deu em todas as regiões do Brasil, menos no Norte. Para o presidente da CPT, dom Enemésio Lazzaris, o aumento dos conflitos e violência ocorre pela consolidação de um modelo de desenvolvimento que favorece o agronegócio e de modo geral, por causa da impunidade.

“Há uma opção dos nossos governos pelo agronegócio, pela agricultura de exportação. Essas mortes evidentemente continuam porque o

pessoal sabe que não há punição. Quanto mais se incentivar o agronegócio, a monocultura, mais problemas, mais conflitos, mais confusão, mais mortes nós teremos”.

Em relação ao aumento dos conflitos pela água, que passaram de 101 em 2013, para 127 em 2014, um aumento de 26%, Dom Enemésio assim analisou: “Esses conflitos aumentaram, primeiramente, por causa dos grandes projetos. Os grandes projetos, as grandes hidrelétricas, as grandes barragens. Depois por falta de preservação e por causa das pequenas barragens. Pessoas fazendo uma barragem para favorecer a irrigação do seu terreno, acabam impedindo que a água continue para os outros”.

Os protagonistas das lutas

Anastácio Peralta, indígena Guarani Kaiowá, participou do lançamento da publicação e falou da realidade dos conflitos indígenas no Mato Grosso do Sul.

“Na nossa espiritualidade a roça é o caminho de Deus, onde Deus vai andando e jogando as sementes. Então, a gente não planta para estragar a natureza; a gente planta para colher

os frutos semeados por Deus. Na nossa espiritualidade a roça é um lugar de prazer, lazer, alegria, de felicidade, de paz. Mas, depois que vieram as pessoas do negócio, depois que veio a exploração, nós fomos obrigados a trabalhar na terra somente para sobreviver e a roça não é mais lugar de felicidade... e isso nos dá ódio da roça... Hoje, um boi vale mais do que uma criança indígena; a cana vale mais do que o pé de cedro; a soja vale mais do que a aroeira”.

Ele falou ainda dos causadores dos conflitos e reais destruidores do meio ambiente. “Antes da chegada dos colonizadores não existiam fronteiras pra nós, pois a terra, a mata, a água faz parte da nossa vida. Antes, a gente podia correr dos problemas. Agora não podemos mais. Temos que enfrentar, pois não temos nem mata para esconder e nem água para beber. Quem traz o conflito não somos nós! É a ganância da exploração que traz... Exploração que envenena a terra. Na nossa espiritualidade a Terra é nossa mãe e quem envenena a Terra, envenena a mãe. A nossa luta é para recuperar o meio-ambiente e a nossa vida”.

Já Elizabete Cerqueira, do acampamento Dom Tomás Balduino, de Corumbá de Goiás (GO), trouxe a experiência desse que foi o maior acampamento da história do estado de Goiás. 3.500 famílias que durante quase sete meses produziram alimentos agroecológicos nas terras que serviam de pasto para os bois do senador Eunício de Oliveira. Em março foram despejados, mas permanecem na luta e na esperança de conseguirem seu pedaço de chão. “Alguns dos nossos foram ameaçados, fomos despejados, mas nem por isso nos afastamos da luta”, completou ela.



*Setor de Comunicação da Secretaria Nacional da CPT.



ANTÔNIO CANUTO*

A CPT completa, neste ano de 2015, 40 anos. Ela não nasceu pronta e acabada. É fruto de todo um processo, que foi amadurecendo aos poucos e que foi se consolidando.

Em 1971, no dia de sua ordenação episcopal, como bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia, Dom Pedro Casaldáliga lançou uma carta pastoral em que denunciava a realidade dos indígenas, posseiros e peões numa porção da Amazônia, novo palco da expansão colonial do Brasil.

Este grito profético de Dom Pedro encontrou ressonância na igreja e na sociedade. Estava-se em plena ditadura militar. Ao mesmo tempo, um grupo informal de bispos começou a se reunir, provocado pela necessidade de criar laços de solidariedade entre as igrejas em tempos de repressão. Desta articulação foram produzidos três documentos que mostravam a realidade do povo, sentida e compartilhada pela igreja no Nordeste, no Centro-Oeste e a espoliação dos povos indígenas.

Ao mesmo tempo alguns destes bispos, como lembra Ivo Poletto, “provocaram a CNBB a patrocinar um Encontro de bispos e Prelados da Amazônia”, para refletir sobre a realidade desta imensa região.

Entre 19 e 22 de junho de 1975, em Goiânia, oficialmente convocado pela Comissão Brasileira de Justiça e Paz, realizou-se o Encontro de Bispos e Prelados da Amazônia, do qual participaram 67 pessoas, de 27 dioceses ou prelazias.

Depois da apresentação da realidade vivida pelos trabalhadores na Amazônia Legal, e de alguns momentos tensos de debate, uma

das decisões tomada foi a de criar uma “Comissão de Terras”, ligada à linha Missionária da CNBB. Esta comissão, a exemplo do Conselho Indigenista Missionário, CIMI, criado três anos antes, teria como objetivo “interligar, assessorar e dinamizar os que trabalham em favor dos homens sem terra e dos trabalhadores rurais, e estabelecer ligação com outros organismos afins”.

A esta Comissão foram apontadas algumas tarefas concretas:

- Traduzir em linguagem popular o Estatuto da Terra e a Legislação Trabalhista Rural para que o trabalhador tivesse consciência dos direitos que a lei lhes garantia.
- Promover campanha em favor dos direitos dos sem terra.

As dioceses e prelazias foram instadas a assumir este trabalho criando equipes que se dedicassem a conhecer em profundidade a problemática da terra, e a promover campanhas de conscientização dos trabalhadores, além de organizar assessoria jurídica adequada.

Dom Moacyr Grechi, bispo responsável pela linha missionária da CNBB, que em nome da Presidência da CNBB participara do encontro, encaminhou à mesma Presidência e ao Conselho Episcopal de Pastoral (CEP) as resoluções da reunião de Goiânia, que foram aprovadas em reunião de 26 de agosto.

Dom Aloísio Lorscheider, presidente da CNBB, comunicou a Dom Moacyr:

“venho manifestar-lhe o nosso encorajamento, dentro de uma linha de simplicidade, para que vá se concretizando com segurança e tranquilidade o que os bispos decidiram”.

Para dar forma a esta Comissão

Há 40 anos

de Terras, um grupo, indicado no encontro de junho, se reuniu de 20 a 22 de outubro. Coube a ele definir o nome desta comissão. Depois de muitas idas e vindas, chegou-se à conclusão de que, por se tratar de uma ação ligada à Igreja, era importante ressaltar seu aspecto pastoral. Assim passou a se denominar Comissão Pastoral da Terra.

Em carta enviada aos bispos, em 20 de novembro, Dom Moacyr comunicava a criação da Comissão Pastoral da Terra e a escolha do Pe. Ivo Poletto para

secretário executivo. Comunicava também que o grupo presente na reunião de outubro constituía a Comissão formada de presbíteros e leigos, “amparados por outros representantes regionais”.

A urgência da realidade provocou a urgência das respostas. Já em dezembro era publicado o primeiro número do Boletim da Comissão Pastoral da Terra, fazendo circular as informações sobre os primeiros passos dados, e sobre ações das igrejas e alguns conflitos que afetavam o povo do campo.



Resoluções do Encontro de Goiânia

Igrejas da Amazônia Legal, reunidas em Goiânia em Encontro de Pastoral, respondendo à dramática situação e à aspiração do nosso povo sem-terra, decidem o seguinte:

1. Assumir o compromisso de empenhar-se no processo global de Reforma Agrária do nosso País, dando cumprimento ao espírito e à letra do Estatuto da Terra, articulando-se com todas as instituições sociais que trabalham por este mesmo objetivo.
2. Criar uma “Comissão de Terras” que, na qualidade de organismo de caráter oficioso, ligado à Linha Missionária da CNBB, possa realizar com agilidade o objetivo de interligar, assessorar e dinamizar os que trabalham em favor dos homens sem terra e dos trabalhadores rurais, e estabelecer ligação com outros organismos afins.
Cabe a esta Comissão dar especial atenção ao Estatuto da Terra e à Legislação Trabalhista Rural procurando divulgá-los em linguagem popular. Que ela promova também campanhas de ampla e inteligente conscientização em favor dos direitos dos 10 milhões de famílias sem terra.
3. Que cada Diocese, Prelazia ou conjunto de Prelazias, em ligação com a Comissão de Terras, se empenhe no seguinte:
 - 3.1 Criar uma equipe que, a partir do conhecimento profundo da realidade, possa ajudar para que se abranja vitalmente a problemática da terra e suas consequências no planejamento pastoral.
 - 3.2 Organizar uma assessoria jurídica para tudo o que se refere aos problemas da terra e dos trabalhadores rurais.
 - 3.3 Promover campanhas de conscientização para os trabalhadores rurais e agentes de pastoral.

DA CPT

nascia a CPT

A CPT é uma sementeira que forma lideranças

“Ao celebrar os 40 anos da CPT, nós comemoramos juntos esse acontecimento pelo que representa a Comissão Pastoral da Terra para a vida e a existência do MST. Nós nos consideramos filhos da CPT, e como bons filhos, nós seguimos a nossa luta, seguimos lutando pela causa mais justa desse planeta que é a democratização do acesso à terra e o cuidado com a terra. Nós seremos eternamente gratos à CPT por ter estado ao nosso lado, assim como uma mãe que cuida de seu filho, em especial nos momentos mais difíceis das nossas lutas. Seguimos tendo a certeza de que, juntos, nós haveremos de comemorar um dia a tão sonhada e esperada reforma agrária em nosso país”. **Valdir Misnerovicz – Coordenação Nacional do MST**

“Para mim, falar da CPT é falar da minha militância, da minha construção enquanto mulher. A minha formação é uma formação concebida pela Comissão Pastoral da Terra. Eu tenho muito orgulho disso, pois ela é calçada em valores, na ética, no compromisso com a causa dos trabalhadores, dos camponeses em geral. Como camponesa que sou, a formação da CPT me jogou, de certa forma, a sair da minha vida cotidiana para ajudar a comunidade a avançar bem mais na conquista de direitos. O diferencial é que essa formação da CPT foi baseada muito nos princípios da mística do compromisso do Evangelho de Jesus Cristo. A CPT, nesses 40 anos, contribuiu com a causa de todos os trabalhadores do campo desse país e também com a construção de diversos movimentos, o MMC é um deles”. **Rosângela Piovisani – Movimento de Mulheres Camponesas (MMC)**

“Minha história é uma história muito ligada à da Comissão Pastoral da Terra. A minha vinculação com o Movimento dos Sem Terra vem desde o início de 1985. A CPT é uma sementeira, que forma lideranças, forma gente para o mundo, para agir na realidade, para intervir, para evangelizar e para ter um país mais justo e mais solidário. Acho que se muitas plantações nós temos hoje e se muitas divisões dos latifúndios nós temos, devemos à Comissão Pastoral da Terra”. **Sueli Bellato – vice-presidente da Comissão de Anistia do Ministério da Justiça**

“Eu cheguei [no Brasil] um mês depois que nasceu a CPT. E quando cheguei não tinha ideia do que poderia encontrar. Por isso, a CPT para mim é um dos marcos que me orientaram. Fui crescendo com a CPT, que me ajudou a compreender a missão da igreja, a missão de ser padre na igreja e nas comunidades. A minha vida e trajetória foram marcadas por causa de Conceição do Araguaia, Frei Henri des Roziers, Ricardo Rezende. A CPT é uma das coisas mais importantes que aconteceu no Brasil depois do Concílio. A democracia que temos, por mais complicada que seja, devemos a movimentos como a CPT. Ela formou muitos militantes. Desejo mais 40 anos, pois talvez hoje precisamos da CPT mais do que nunca, porque a conjuntura, seja na igreja ou na sociedade, não é favorável”. **Frei João Xerry – provincial dos dominicanos no Brasil**

“Eu vejo a importância que tem a CPT, tanto no Brasil quanto na articulação dos movimentos nessa região da América Latina, porque nós nascemos da mesma fonte, na fonte da luta, na fonte de querer construir uma sociedade diferente, de querer construir um Brasil diferente, um Brasil onde não tenha latifúndio, onde não tenha pobreza. Então, a gente reconhece essa importância da presença da CPT em todo esse espaço de luta, em todos esses 40 anos em que teve a lucidez de construir, junto com os movimentos camponeses do Brasil, tantos outros movimentos que vieram dessa raiz de onde veio a própria CPT. Quiçá um dia a gente não seja mais necessárias e possamos comemorar a utopia que sempre cantamos”. **Rita Zanotto – Via Campesina América do Sul e Internacional**

“Eu tenho uma admiração muito grande pela CPT. Acho que a Comissão Pastoral da Terra é um sinal concreto da presença da igreja, da presença da proposta de vida de Jesus, no meio do povo, no meio dos trabalhadores, no meio de todos aqueles que lutam por direitos humanos, que lutam por justiça. A CPT é um testemunho vivo. Eu desejo que a CPT, fazendo a memória dos 40 anos, continue com essa luta para que realmente possamos construir uma sociedade cada vez mais justa e fraterna”. **Frei Marcos Sassatelli – frade dominicano**

“Para nós do Cimi é uma grande alegria parabenizar a CPT por esses 40 anos de caminhada, de luta, de presença junto aos povos da terra, especialmente os camponeses que lutam por uma reforma agrária que possa distribuir a terra. A CPT, nesses 40 anos, tem sido um instrumento nesse processo e continuará sendo, certamente, por outros tantos 40 anos porque a sua atuação e presença pastoral é e continua sendo necessária diante do contexto que vivemos no Brasil”. **Cléber Buzzato – Conselho Indigenista Missionário (Cimi)**

“Quero enviar um abraço fraternal e afetivo a todos os companheiros da CPT, pois vocês são os responsáveis por existir o MST. O MST é fruto da experiência histórica do povo brasileiro das lutas por reforma agrária. O MST se sente neto das Ligas Camponesas e filho da CPT, foi por isso que nós erguemos a bandeira da reforma agrária no bojo das lutas pela redemocratização do país”. **João Pedro Stedile - Coordenação Nacional do MST**

Dom Tomás, como fundador da CPT, tinha todo trabalho dentro da metodologia construída na CPT. O que era muito claro para Dom Tomás e para a CPT é que os trabalhadores deveriam assumir a bandeira da reforma agrária, da agricultura familiar, da defesa dos posseiros, e nunca a igreja ocupar o espaço das organizações dos trabalhadores. Esta clareza política, metodológica e pastoral permitiu que a CPT dialogasse com todos os setores que atuavam na organização dos trabalhadores e contribuísse para o seu trabalho. Deste trabalho da CPT, ao longo desses 40 anos, surgiram vários movimentos sociais”. **Isidoro Revers (Galego) – ex-coordenador nacional da CPT**

ARTIGO

Semear a solidariedade

A CPT foi convidada por Développement et Paix (Desenvolvimento e Paz) a participar da Campanha de Solidariedade que realiza todos os anos, na quaresma, para ajudar a motivar os católicos canadenses a se envolverem na mesma. A CPT indicou Dom Eugênio Rixen, bispo da Diocese de Goiás, sucessor de Dom Tomás Balduino, para esta atividade.

DÉVELOPPEMENT ET PAIX é uma organização católica canadense para o desenvolvimento e a paz. É o organismo oficial de solidariedade internacional da Igreja Católica do Canadá. É vinculada à Cáritas Internacional. Os recursos para a solidariedade provêm de coletas nas paróquias, de doações individuais e do acesso a recursos públicos sobretudo da Agência

Canadense de Desenvolvimento Internacional.

Inspirados nos valores do Evangelho e na opção preferencial pelos pobres, os objetivos de Desenvolvimento e Paz consistem em apoiar ações nos países do Sul para o enfrentamento de estruturas sociais, políticas e econômicas injustas. Outro de seus objetivos é o de sensibili-

zar a população canadense para que tome consciência das questões que provocam e sustentam o desequilíbrio Norte-Sul.

Desenvolvimento e Paz, durante a Quaresma, realiza uma campanha similar à Campanha da Fraternidade, realizada pela CNBB. Neste ano, a Campanha canadense, tinha como tema “Semear a Solidariedade”, com o lema “Porque se semeia,

se dá”. A campanha esteve focada sobre a importância dos agricultores e agricultoras familiares na luta contra a fome.

Porque a CPT trabalha com os homens e mulheres do campo, e é parceira de Desenvolvimento e Paz, é que foi convidada.

Dom Eugênio nos enviou um breve relato de como foram os dias em que passou por lá.

Uma viagem ao Canadá

DOM EUGÊNIO RIXEN*

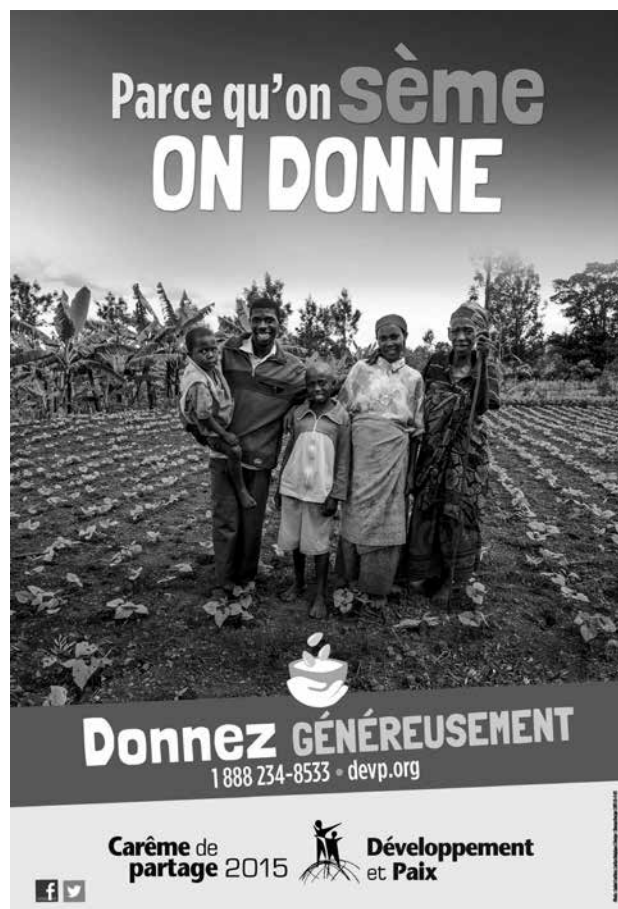
A “Campanha da Fraternidade” no Canadá é realizada por “Développement et Paix”. Após o Concílio Vaticano II, os bispos canadenses queriam mostrar sua solidariedade para com os países subdesenvolvidos da América Latina, da África e da Ásia. A ajuda consistia em troca de experiências, em intercâmbio de pessoas e em apoio financeiro a projetos que trabalham na defesa dos direitos das pessoas do campo e da cidade.

Neste sentido “Développement et Paix” sustenta os projetos da CPT Goiás e Nacional e me convidou a fazer várias palestras em cidades do Canadá.

Tive encontros com os responsáveis nacionais desta organização em Montreal e depois visitei as cidades Edmonton e Winnipeg. A primeira encontra-se bem no oeste do país, numa região marcada pelo agronegócio e a extração de petróleo. A segunda, pela presença de uma forte população indígena, lá chamada de “autóctone”.

Eis algumas reflexões a partir desta viagem:

- No oeste canadense o agronegócio é fortemente presente. São regiões imensas de agricultura e de criação de gado. Mas me encontrei também com vários pequenos lavradores que lutam para se manter na terra desenvolvendo uma agricultura ecológica e criando animais alimentados com produtos naturais. Para se manterem no campo, eles têm suas próprias escolas. Diante do estilo de vida urba-



na e suas facilidades, muitos jovens deixam a vida no campo para irem morar nas cidades;

- Quanto aos povos indígenas “autóctones”, eles foram numerosos no passado. Houve uma forte política de “assimilação” à cultura invasora,

principalmente através de internatos e escolas. Geralmente as suas culturas não eram respeitadas, e até foram destruídas. Há atualmente um grande resgate da cultura e das religiões indígenas através de uma comissão da verdade que revela os crimes cometidos contra estes povos;

- Em Winnipeg há um imenso museu do Direito da Pessoa inaugurado no final do ano passado. Lá se encontra uma galeria dos grandes pensadores e defensores dos direitos humanos desde a antiguidade. O museu lembra as grandes conquistas dos direitos dos povos, das minorias, das mulheres, dos povos indígenas, dos homossexuais, etc.

- Encontrei-me com várias comunidades católicas, principalmente de língua francesa. Tive uma boa acolhida. Os grupos eram de 30 a 100 pessoas. O público era interessado, mas, às vezes, muito distante dos problemas da terra: agricultura familiar e ecológica. O mundo urbano está bem longe destas preocupações. Apesar de algumas exceções, as comunidades são mais preocupadas com o aspecto espiritual da religião do que

com a construção do Reino sonhado por Jesus. Nem sempre conseguem entender a ligação que há entre fé e compromisso social. Mas apesar deste ambiente geral, pude também encontrar com cristãos/ãs engajados/as na defesa dos migrantes, dos sem-teto, dos moradores de rua;

- Também tive um encontro com os exilados políticos de vários países da América Latina que vivem no Canadá. Os de El Salvador e do Chile me contaram seus sofrimentos por causa da tortura e do exílio. Todos ficaram felizes com a beatificação de Dom Oscar Romero no dia 23 de maio deste ano. O testemunho deste profeta continua animando todos aqueles/as que sonham com um outro mundo possível;
- Visitei igualmente várias escolas. A visita era preparada e esperada, a palestra sobre a situação agrária no Brasil recebeu boa acolhida e deu bons frutos;

Agradeço a todos aqueles/as que me acolheram com muito carinho. Sei que não é fácil para uma Igreja Católica viver como minoria no meio de outras Igrejas, interessar-se pelos problemas sociais, ainda mais do terceiro mundo. A tendência é se fechar sobre suas próprias dificuldades. Mas o Papa Francisco nos convida a irmos “para fora”, a olharmos o mundo a partir daqueles/as que vivem nas periferias geográficas e existenciais do mundo.

MEMÓRIA

Há um ano Dom Tomás era sepultado na catedral da Cidade de Goiás

CRISTIANE PASSOS*

Foto: Arquivo CPT Nacional



Há um ano, pelas mãos de indígenas, pequenos produtores e sem-terra, Dom Tomás era sepultado na Catedral da Cidade de Goiás. Dom Tomás Balduino está vivo e presente naqueles e naquelas que mantêm seus ideais e suas lutas.

“Há um ano, nesse mesmo local, a Igreja de Goiás assumiu o mesmo compromisso que Dom Tomás assumiu e praticou durante sua vida, em fidelidade ao Evangelho de Jesus Cristo”. Assim Dom Eugênio Rixen, bispo da diocese de Goiás, iniciou na noite de 3 de maio, a celebração em memória a Dom Tomás Balduino, falecido em 2 de maio de 2014. Dom Eugênio retomou a trajetória de Dom Tomás na diocese de Goiás e suas lutas pelo Brasil e pela América Latina. Para Dom Eugênio, “Dom Tomás se manteve ligado ao Evangelho buscando colocar a palavra de Deus em prática, em busca de Justiça. Ele continua presente entre nós, não fisicamente, mas com seu ideal que nos une”.

E exatamente por causa de sua atuação, Dom Tomás despertou a ira daqueles que viam nele uma ameaça à sua ganância e cobiça. “Queriam calar a boca desse profeta. Atingiram e cegaram o padre Chico Cavazzuti tentando atingir Dom Tomás”. Padre Francisco Cavazzuti, conhecido como padre Chicão, foi atingido por um tiro na cabeça, em agosto de 1987, em Mossâmedes, interior de Goiás. O tiro o deixou cego. O alvo seria Dom Tomás e não padre Chicão.

Dom Eugênio lembrou, ainda, que teve a oportunidade de participar do ritual indígena numa aldeia Krahô, no Tocantins, quando da morte de Dom Tomás. “Tive o privilégio de acompanhar o enterro simbólico de Dom Tomás pelo povo Krahô, no Tocantins. Como esse povo o amava!”, disse o bispo.

“Permaneci em mim e eu permanecerai em vós” (Jo 15,4)

Durante a homília, representantes do CIMI (Conselho Indigenista Missionário) e da CPT (Comissão Pastoral da Terra), que Dom Tomás ajudou a fundar, falaram do significado das lutas defendi-

das pelo bispo e da importância da sua memória profética para continuar nesse caminho.

Para Antônio Canuto, secretário da coordenação nacional da CPT e membro fundador da entidade, “Dom Tomás era uma presença que nos dava segurança na luta em defesa dos povos da terra. Nós



Foto: Arquivo CPT Nacional

aproximou a Igreja dos pobres, dos marginalizados. Ele dizia que tínhamos que sair da Igreja e ir para perto do povo”.

“Terra é mais que Terra”

A segunda leitura da celebração foi de uma fala de Dom Tomás, dada em entrevista, em que ele afirmou: “Eu sintetizaria a missão da CPT naquela expressão que diz assim: ‘Terra é mais que terra. Justamente porque terra é chão e símbolo. É, sem dúvida, o pedaço de terreno necessário à subsistência da família, mas é também a Terra prometida, cuja conquista só acontece na união, na organização, na luta de enfrentamento contra os donos que se apoiam nas instituições públicas. Terra é espelho revelador das estruturas de opressão incrustadas na nossa sociedade...”

Memória Viva

Muitos trouxeram a memória de Dom Tomás nesse primeiro ano de sua passagem.

Entre eles, Adolfo Pérez Esquivel, prêmio Nobel da Paz, escreveu a seguinte mensagem:

Foto: Arquivo CPT Nacional



da CPT ficamos um pouco órfãos com a sua partida. Mas Dom Tomás sabe que nós queremos continuar a sua caminhada”.

Egon Heck, do CIMI, destacou que “é importante retomar essa memória perigosa que nos traz à vida”. Isaias, agente da CPT na Cidade de Goiás e assentado no P.A. Mosquito, o primeiro assentamento do município, destacou que “Dom Tomás

“É necessário recordar os profetas, mártires e pastores de nosso tempo. São muitas as vivências e encontros que tive com Dom Tomás Balduino, entre eles me recordo que em 1981, em uma viagem que fiz pelo Brasil com Amanda e frei Alamiro, viajamos com Dom Tomás como piloto em seu pequeno avião a São Félix do Araguaia para visitar outro profeta de nossa Igreja, Dom Pedro Casaldáliga. A Ama-

zônia estava inundada e podíamos ver os animais e os colonos buscando as áreas mais altas, e Amanda teve medo em ver do avião o que acontecia na floresta, pois pensava que se acontecesse um acidente seria fatal. Rimos desses pensamentos e eu disse a ela: ‘Amanda, fique tranquila, o piloto do avião é um bispo que Deus cuida, e se cuida dele, cuida da gente também. Além disso, Deus sabe que estamos indo ver Dom Pedro em São Félix’. Assim ela se tranquilizou e chegamos bem para ver o irmão Pedro e compartilhar com ele e com a comunidade, nossas orações e a alegria desse reencontro. Dom Tomás tinha sempre o sorriso do espírito do seu compromisso junto aos pobres da Igreja, dos povos de Deus. Ele contava que o pequeno avião lhe servia para visitar lugares distantes, de difícil acesso e com isso podia estar com os colonos, os camponeses e os indígenas. Sempre caminhou junto aos povos com humildade e foi um pastor que acompanhou sempre seu povo. Seu testemunho de vida semeou a esperança a partir da fé”.

O jornalista Leandro Fortes, da revista Carta Capital, lembrou reuniões e conversas que teve com o bispo, e destacou: “Dom Tomás Balduino, que enfrentou generais de farda e coronéis de terras

de peito aberto, tinha como arma apenas suas convicções. Ele morreu há exatamente um ano, aos 92 anos. Não sei que fim levou o processo de Kátia Abreu contra ele. Mas fico feliz que ele tenha morrido antes de vê-la empossada como ministra de um governo do PT”.

O IV CONGRESSO NACIONAL DA CPT

Luta sem festa, derrota na certa

THIAGO VALENTIM*

Nos dias 13 a 17 de julho, Porto Velho, na Rondônia, acolherá os participantes do IV Congresso Nacional da Comissão Pastoral da Terra (CPT). Congresso que marca os 40 anos da CPT e acontece na Amazônia, seu berço de inspiração. O local será o Campus da Universidade de Rondônia (UNIR), que acolheu com entusiasmo o Congresso e disponibilizou toda a estrutura necessária para o evento. E nos brindará com uma extensa área de floresta amazônica.

O Congresso é um momento estratégico para a CPT. Deverão participar cerca de 1.000 pessoas de todo o país, entre agentes da Pastoral, trabalhadoras e trabalhadores, assessoras e assessores, convidadas e convidados. Também participarão agentes históricos que ajudaram a construir a CPT nestes 40 anos e representantes de pastorais, movimentos e organizações parceiras. A maioria dos participantes será de trabalhadoras e trabalhadores. O Congresso vai escutar o que eles dizem à CPT para o seu trabalho pastoral. Este é o objetivo.

Inspirado no poema de Thiago de Mello, o tema escolhido para este Congresso é: Faz escuro, mas eu canto! Memória, Rebeldia e Esperança dos Pobres da Terra. Mesmo diante da noite escura por que passam nossas comunidades, diante do descaso político em reconhecer os territórios a que povos e comunidades têm direito, da impunidade que marca a (in)justiça brasileira, a CPT não desiste de ser companheira dos que sofrem.

Serão cinco dias intensos de debate em torno da conjuntura atual do país e das Igrejas, de celebração, de convivência, de troca de experiências e de pensar a ação da CPT para definir suas prioridades para os próximos anos.

Como o Congresso está preparado

O Congresso está sendo gestado há meses nos regionais e em nível nacional, com encontros, celebrações, estudos, orientados pelas duas edições do Almanaque Poronga. O Poronga trouxe histórias de lutas camponesas, memórias da caminhada da CPT, informações so-

bre o Congresso, recheado com receitas, piadas, trava-línguas, curiosidades, você sabia?.

A equipe da CPT Rondônia se empenhou em mobilizar seus agentes e diversos parceiros locais para preparar toda a infraestrutura necessária para bem acolher os participantes.

Os dias 11 e 12 serão dedicados à acolhida das caravanas que chegarão de todos os estados do país. Serão também dias de preparação e ornamentação do

Tendas

As atividades das tardes serão desenvolvidas nas tendas, que são espaços de discussão e de troca de experiências. Serão organizadas 07 tendas, identificadas com nomes de rios de Rondônia: Madeira, Pacaás Novos, Guaporé, Mamoré, Machado, São Miguel, e Rio Branco. Em cada uma serão apresentadas as experiências que os regionais da CPT selecionaram. Cada dia com uma temática:

Foto: João Ripper



ambiente, organização das cozinhas, das salas de plenária.

No dia 13, a celebração de abertura preparada pela Grande Região Noroeste que dará as boas vindas a quem vem de fora! Com símbolos que marcam a região amazônica – a poronga, a canoa, a farinha, o açaí – terá início o Congresso.

A análise de conjuntura, na primeira manhã, olhará para a realidade política e econômica do país, e neste cenário, a situação das comunidades camponesas, dos povos tradicionais. Depois da apresentação, a fila do povo, momento em que os participantes terão a possibilidade de expressar seus pensamentos e visões. Certamente ficaremos impressionados com a capacidade de trabalhadoras e trabalhadores fazerem suas análises diante da conjuntura, de perceberem os desafios e os caminhos que irão apontar para o fortalecimento da luta, da organização popular.

Memória, Rebeldia, e Esperança. Serão cerca de três experiências em cada tenda (21 experiências por dia), com posterior debate entre os participantes. O resultado da reflexão em cada tenda será socializado na grande plenária, na manhã seguinte. Cada tenda terá a contribuição de um relator e de assessores, que ajudarão na reflexão e na coleta de elementos importantes para a síntese na grande plenária.

No quarto dia, serão debatidas nas tendas as prioridades da ação da CPT para os próximos anos, que serão definidas e aprovadas na manhã do último dia.

Momentos celebrativos

O que vai marcar o Congresso serão os momentos de celebração construídos sobre a mística libertadora, a profecia, a Palavra de Deus encarnada na vida e na cultura dos povos. Cada manhã será

aberta com uma celebração preparada por uma das grandes regiões, que trarão elementos das culturas locais, da religiosidade e das lutas populares. Celebrações em que estará presente o caráter ecumênico da CPT.

No espaço do Congresso será montada a Tenda dos Mártires da Caminhada, onde se fará memória de homens e mulheres que doaram suas vidas pelas vidas de milhares de irmãs e irmãos. Além da Tenda dos Mártires, acontecerá a Caminhada e Celebração dos Mártires próximo à Hidrelétrica do Madeira. Nesta caminhada, se fará memória de tantas pessoas que trabalharam, sofreram e morreram na construção da Estada de Ferro Madeira-Mamoré e dos conflitos e da violência que a Usina ali instalada está gerando para as comunidades ribeirinhas e as populações urbanas da região.

Cozinhas e festa

A partilha do alimento será outro momento forte do Congresso. Serão instaladas cozinhas para cada uma das grandes regiões que trarão alimentos de seus estados. Os cardápios privilegiarão pratos regionais e receitas caseiras das comunidades. A diversidade de alimentos e pratos revelará a riqueza dos sabores deste imenso Brasil.

A animação é marca de todos os congressos da CPT. Os participantes cantarão canções de luta, de caminhada, com letras que expressam os sentimentos e sonhos de quem batalha por um tempo novo. Diz Carlos Mesters: “Luta sem festa, derrota na certa. Festa sem luta, vitória falsa”. Afinal, é isso que nos inspira o poema de Thiago de Mello, tema do Congresso: “Faz escuro, mas eu canto!”.

Durante as noites haverá apresentações culturais. Os regionais com seus artistas terão a possibilidade de expressar sua arte e suas canções.

O Congresso deverá, ao final, se manifestar, posicionando-se, diante da atual conjuntura e reafirmando o compromisso da CPT com a justiça social e a transformação da sociedade.

*Membro da Coordenação Executiva Nacional da CPT



Dom Oscar Romero é beatificado

“Se me matarem, ressuscitarei na vida do meu povo!”, disse um dia Dom Oscar Romero. No dia 23 de maio, o povo de Romero, reunido na Praça do Divino Salvador do Mundo, em San Salvador, El Salvador, pôde ouvir, após 35 anos de sua morte, a leitura da Carta Apostólica do papa Francisco que o proclamou beato. E vale ressaltar que além dos milhares de salvadorenhas e salvadorenhas que acompanharam esse momento, várias pessoas de outros cantos do mundo também celebraram esse ato. 21 anos após o início do processo de beatificação, no dia 3 de fevereiro deste ano, papa Francisco aprovou o decreto reconhecendo o martírio do arcebispo de San Salvador, Dom Os-

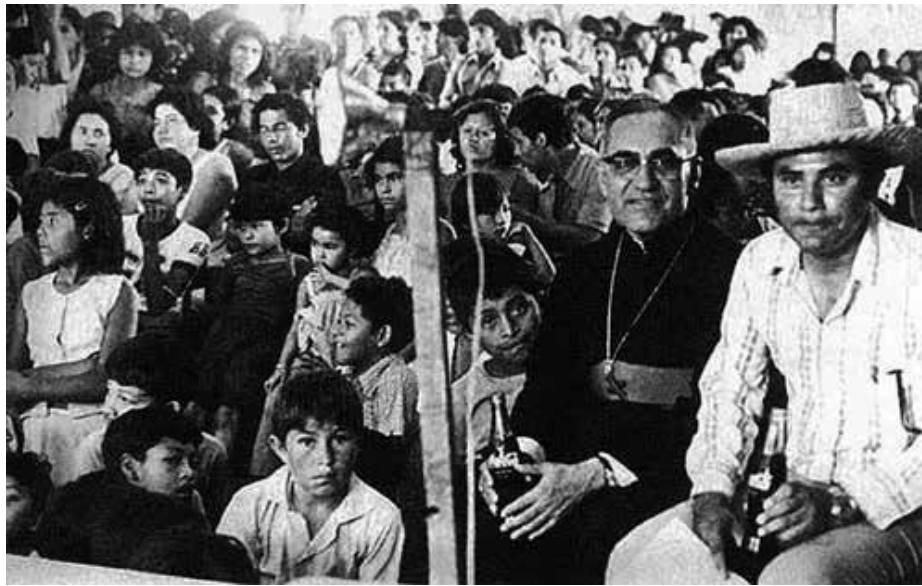


Foto: Adital

car Arnulfo Galdámez Romero. “O país explodiu em alegria, em unidade. Nos unimos todos através do sangue de Dom Romero pedindo a paz para este país, que continua sofrendo. As palavras de Dom Romero seguem

vigentes”, disse o porta-voz da beatificação, padre Cesar Sanchez.

Conhecido defensor dos pobres e expoente da Teologia da Libertação na América Latina, Romero foi nomeado arcebispo em meio ao regi-

me militar. Crítico do governo e das injustiças sofridas pelo povo, Dom Oscar foi assassinado enquanto celebrava uma missa, em 1980, por um comando de extrema direita. Assim como ele, centenas de pessoas foram mortas no país.

Em artigo divulgado no dia da beatificação de Dom Oscar, o filósofo Enrique Dussel, que conheceu o arcebispo, destacou como foi estar perto do religioso e lembrou alguns episódios de sua vida dedicada ao povo. “As homilias de dom Romero, na catedral, eram acompanhadas por multidões que não só enchem o templo, como também a praça em frente à catedral. Era realmente entusiasmante, seguido por todos, principalmente por jovens, pobres, camponeses e indígenas. Por isso, foi assassinado como messias, como o servo sofredor que dá sua vida pela multidão”.

Papa Francisco visita América Latina e se reúne com movimentos

Entre os dias 5 e 13 de julho desse ano o papa Francisco estará na América Latina, onde visitará o Equador, Bolívia e Paraguai, respectivamente. Ao longo desses dias, o papa se reunirá com os chefes de estado dos três países, religiosos e religiosas, leigos e leigas, estudantes, com os movimentos sociais da América Latina, entre outros. Essa é a segunda viagem que o papa Francisco faz à América Latina. Em 2013, ele esteve no Brasil para participar da Jornada Mundial da Juventude (JM).

Após passar pelo Equador, o papa seguirá para a Bolívia, onde, no dia 9, participará do Encontro de Movimentos Populares da América Latina. Neste encontro, nos moldes do que se realizou no Vaticano, no final de 2014, estarão presentes representantes de diversas organizações sociais do Continente. Ao falar sobre a presença do papa no Encontro, padre

José Fuentes, secretário-geral adjunto da Conferência dos Bispos da Bolívia, destacou, em entrevista ao jornal El País, que a “Bolívia é um país privilegiado porque levou a sério o processo de inclusão dos mais pobres, dos povos indígenas e, na conjuntura atual, o novo Estado Plurinacional está sendo visibilizado e reconhecido tanto no mundo inteiro como pelo papa Francisco”. Abeltania de Souza Santos, da CPT Bahia, e padre Severino Leite Diniz, da CPT São Paulo, representarão a Comissão Pastoral da Terra (CPT) neste Encontro.

Já no dia 10, o papa desembarcará em seu destino final, Assunção, no Paraguai. O dia 11 será marcado pelos encontros de Francisco com o povo paraguaio. Está marcada uma visita ao Hospital Geral Pediátrico da capital. Mais tarde ele se reunirá com o povo no Estádio Leon Condou da Escola de São José.

VI Congresso da CLOC - Via Campesina

O VI Congresso Latino-americano de Organizações do Campo (CLOC) ocorreu entre os dias 10 e 17 de abril, em Buenos Aires, na Argentina. Com o tema “Contra o capitalismo e pela soberania dos nossos povos, América unida segue em luta!”, cerca de 1200 delegados de 21 países da América Latina e Caribe participaram do evento. No entorno do Congresso aconteceram a V Assembleia Continental das Mulheres e a IV Assembleia da Juventude. A CPT foi representada neste Congresso por José Carlos Lima da Silva, da CPT Alagoas, e Elizabete Flores, da CPT Mato Grosso.

“Alguns fogos, fogos bobos, não iluminam nem queimam. Mas outros, outros ardem a vida com tanta vontade que não se pode olhá-los sem pestanejar, e quem se aproxima se incendeia. Que esse Congresso sirva para incendiar essa chama”. Foi com essas palavras do escritor Eduardo Galeano que a argentina Deolinda Carrizo, do povo indígena Vilela, deu as boas-vindas aos participantes do Congresso. “O VI

Congresso reforça a luta implacável pela reforma agrária e defesa dos territórios, pela soberania alimentar e pelo fortalecimento das organizações camponesas de mulheres e da juventude”, analisou José Carlos.

“Nosso Congresso é realizado em um momento em que as contradições e a luta de classes se refletem em uma ofensiva do capital que promove novas guerras, opressão e conspiração contra os povos”, diz um trecho da Declaração Final do Congresso, que destaca ainda que um dos desafios propostos pelo Congresso é traçar uma agenda conjunta de mobilização para os próximos anos. O Documento Final ainda pontua: “Rejeitamos o patriarcado, o racismo, o sexismo e a homofobia. Lutamos por sociedades democráticas e participativas, livres de exploração, discriminação, opressão e exclusão das mulheres e dos jovens. Condenamos toda forma de violência doméstica, social, laboral e institucional contra as mulheres”.

PÁGINA BÍBLICA

De que serve falar em sabedoria, se a mesa está vazia?

O livro do Eclesiastes ou Coélet

SANDRO GALLAZZI*

Acompanhando as reflexões feitas nesta página bíblica vimos como o Templo passou a controlar toda a vida do povo, inclusive a própria Palavra de Deus. Vimos, também, como os profetas foram substituídos por rabinos, mestres, doutores da lei, os únicos intérpretes desta palavra, e como sobre os ombros do povo foram colocados fardos de leis, normas e sacrifícios.

A carga mais pesada recaia sobre a mulher. O sistema sacerdotal de dominação, fez da mulher a maior vítima no econômico, no político e no pessoal. Mas será ela a protagonista da resistência. Será ela também quem vai resgatar a memória do verdadeiro Deus. Cinco mulheres: Ester, Rute, Judite, Susana e a Sulamita, se convertem em símbolo da resistência ao templo que parte da casa da mulher.

Continuando a reflexão, hoje vamos nos deter no livro do Eclesiastes, ou Coélet. Livro que era lido para o povo na Festa das Tendias. Como nos lembra Sandro, Coélet, em hebraico, é um nome feminino e que significa aquela que está na assembleia. No texto do livro, porém, Coélet é masculinizado, a não ser em um caso onde ficou feminino. O livro da Coelet, desde a casa da mulher, faz uma leitura crítica, lúcida e realista do discurso do projeto do império grego, que dominava a região e que encontrava apoio no templo.

O contexto em que o livro foi escrito

A terceira festa, a festa maior do templo, era a festa das Tendias. Esta festa, que nos tempos antigos era a alegre festa da vindima (colheita da uva), o templo a transformou numa festa do sacrifício pelo pecado, do perdão ritual, da expiação.

O templo pedia perdão pelos pecados de impureza, mas ao mesmo tempo estava aliado com o império grego, com seu projeto de enriquecimento acelerado através de um mercado sempre mais faminto, aberto a todas as cidades livres das margens do mar Mediterrâneo, que com seus empórios cheios de mercadorias, formavam uma rede comercial fortíssima.

(A partir deste momento o mar, para os judeus, passa a simbolizar todas as forças malignas e opressoras, quase como nosso inferno).

Este mercado era tão grande que para ser abastecido levou a uma mudança importantíssima que foi a implantação da escravidão. Até as pessoas eram mercadoria para eles. E tudo era justificado por uma teoria, a famosa filosofia grega, pela qual era lei da natureza que o escravo devia obedecer ao patrão, que os ignorantes deviam ser governados pelos sábios, que as mulheres deviam ser submissas aos varões... tão natural como os animais deviam ser governados pelos homens, ou como a alma deve governar o corpo. Natural e por isso imutável.

Tudo isso para o templo não signi-

ficava nada. A eles interessava poder continuar com suas celebrações e seus ritos. “A Cidade Santa vivia em paz e se observavam as leis com a maior perfeição, graças à piedade do Sumo Sacerdote. Até os reis honravam o lugar santo e davam ao templo presentes magníficos. Selêuco, rei da Ásia, pagava com seu dinheiro pessoal, os gastos necessários para os sacrifícios litúrgicos”.

Como se vê neste texto, entre o templo e o império grego havia uma convivência tranquila e conivente. Os gregos não eram ameaça. Para os camponeses era o contrário: “Depois de Alexandre todos os que cingiram a coroa real, durante muitos anos multiplicaram os males sobre a terra”. Este é o contexto do livro da Coélet (este nome é feminino em hebraico e significa a que está na assembleia, mas no

texto é masculinizado, a não ser em um caso onde ficou feminino).

As três provas de um verdadeiro projeto

É interessante ver no livro da Coélet como, desde a casa da mulher, se testa o discurso e o projeto greco-judeu com três provas:

- 1 – Prova dos olhos: “Você diz, mas eu vejo”;
- 2 – Prova da morte: “Qual a diferença depois da morte?”;
- 3 – Prova da mesa: “Aqui não tenho comida. Vocês falam de sabedoria, de mercado, de trabalho, mas a mesa está vazia. Pode ser o melhor projeto, mas não serve”.

Desde sua casa a Coélet critica violentamente o trabalho inútil do escravo que só serve para enriquecer o patrão, o trabalho fútil do sábio que só serve para legitimar o sistema de dominação. E a crítica nasce da certeza de o que Deus quer, sua benção, é uma mesa cheia, uma cama quente junto à pessoa amada, um vestido de festa, uma vida feliz na simplicidade de uma boa comida e bebida. Um projeto que não garanta esse mínimo, não é verdadeiro, nem de Deus, apesar de tudo de bom e grande que se possa dizer com nossas ideologias.

Qual a alternativa? Coélet não o sabe, mas sabe que este projeto que aí está não funciona. Se não funciona, de alguma maneira vou encontrar a alternativa, mas não vou dizer que isso é bom.

Os próximos passos

Para completar o olhar sobre a contribuição da mulher à reflexão teológica, faz falta aproximarmos mais a duas histórias que, como a de Susana, não estão na Bíblia hebraica (seguida pelos evangélicos), mas na Bíblia grega (seguida pelos católicos). Trata-se da história de Judite e da mãe dos Macabeus.

Isso fica para a próxima edição.



EXPERIÊNCIA

A CPT que será retratada nas experiências a serem apresentadas em seu IV Congresso

ANTÔNIO CANUTO*

“O que veremos no IV Congresso da CPT” era o título da matéria que apresentava em poucas pinceladas as experiências de alguns regionais que serão mostradas e debatidas no IV Congresso, em Porto Velho, Rondônia, de 12 a 17 de julho próximo. Agora, dando sequência àquela matéria, vamos conhecer o que outros regionais levarão ao Congresso.

ARAGUAIA/TOCANTINS

O Regional Araguaia-Tocantins apresentará as Romarias do Padre Josimo que, desde 1988, se realizam nas cidades da região Centro-Norte do Tocantins, como experiência de **memória**. A Articulação Camponesa, criada em maio de 2011, pelos camponeses/as acompanhados pela CPT, na qual estão envolvidas 28 comunidades de posseiros, quilombolas, ocupantes e acampados será colocada como experiência de **esperança**. Já a ação de 19 famílias da comunidade Vitória, no município de Palmeirante, que enfrentam um grileiro que se arvora dono da terra por eles ocupada e que é patrimônio da União, vai ser apresentada como experiência de **rebeldia**.

AMAZONAS

O Amazonas vai levar para o Congresso duas experiências de **esperança**, que são uma mistura de **rebeldia** e **esperança**. A primeira se refere à resistência de 19 comunidades, formadas por pescadores, agricultores e extrativistas, que há quase um século viviam na área, diante do Exército que tentava expulsá-las. A segunda é a luta das comunidades ribeirinhas da bacia do rio Ituxi, no sul do Amazonas, município de Lábrea, que para frear o avanço do desmatamento que grileiros



de outras regiões vinham praticando, conquistaram o reconhecimento de uma Reserva Extrativista no seu território. A vida e a atuação de Dom Jorge Marskell, que foi vice-presidente da CPT, e que se comprometeu até o fim da vida com os mais pobres e na defesa dos seus direitos é apresentada como **memória**.

PIAUI

A experiência de **esperança** que o Piauí levará ao Congresso é a do Assentamento Nova Conquista. O primeiro assentamento no Brasil formado por trabalhadores que passaram por situação de trabalho análogo ao de escravos. Já a **rebeldia** vai ficar retratada pela luta de 41 famílias do Assentamento Rio Preto, município de Bom Jesus do Gurguéia. As famílias que ali moravam a mais 100 anos, com a chegada dos monocultivos do agronegócio, sofreram diversas tentativas de expulsão. Elas, porém, resistiram, até serem assentadas.

MINAS GERAIS

A experiência de **esperança** que Minas Gerais vai mostrar é a das várias formas de luta das famílias do Acampamento Dom Luciano Mendes, do MST, em Salto da Divisa, no Vale do Jequitinhonha. Já são oito anos de acampamento marcados por conflitos, ameaças de morte, processos judiciais, mas também por celebrações e festas comunitárias e boa produção agroecológica. A experiência de **Memória** vai resgatar o processo de organização dos trabalhadores (Assalariados e Agricultores Familiares) na Zona da Mata Mineira, na década de 1980, e que envolveu mais de quatro mil camponeses/as do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Muriaé. A luta de cerca de 500 famílias do Quilombo Brejo dos Crioulos, localizado nos municípios de São João da Ponte, Varzelândia e Verdelandia no Norte de Minas, que enfrentam toda a sorte de dificuldade para retomarem o território, direito que lhes garantiu a Constituição, vai ser mostrada como experiência de **rebeldia**.

NORDESTE II

O Nordeste II, formado por Pernambuco, Alagoas, Rio Grande do Norte



experiência de **memória**. A **esperança** fica por conta da Associação Deus é Por Nós, formada por 27 famílias, que reivindicam, desde 2009, a posse da terra numa área, da qual foram expulsas três vezes com muita violência, mas que eles sonham conquistar, esperando o Incra ser imitado na posse da mesma. A **rebeldia** está expressa na ação de 53 famílias do Acampamento Perpétuo Socorro, no município Breu Branco que, desde 2008, resistem na luta pela conquista de uma área pública federal grilada por um fazendeiro.

MARANHÃO

No Maranhão a luta das quebra-deiras de coco babaçu que conquistaram até leis municipais que lhes garantem o acesso aos babaçuais, mesmo em terras particulares, vai ser a experiência de **memória**. A **esperança** se traduz nas comunidades quilombolas de diversos municípios do Maranhão, que unindo forças, se articularam e criaram o Movimento Quilombola do Maranhão. A resistência dos quilombolas da comunidade Santa Maria dos Moreiras, município de Codó – Maranhão, que nos últimos anos viveram sob ameaças, intimidações que partiram de um deputado que se diz dono da área, é apresentada como **rebeldia**.

Outros regionais

O regional São Paulo resgata a **memória** da maior greve rural da história do Brasil, em Guariba, em 1984, em que a CPT teve atuação importante. A **esperança** é retratada na Romaria da Terra e das Águas. O Espírito Santo mostra uma experiência de produção agroecológica como um grande sinal de **esperança**. No Rio Grande do Sul, o quilombo Rincão dos Negros, em Rio Pardo, é apresentado como exemplo de **rebeldia**. Foi conquistado depois de terem sofrido muito preconceito racial, ameaças e até mortes. No Rio de Janeiro a **rebeldia** fica estampada na luta e resistência dos Pequenos Agricultores do 5º Distrito de São João da Barra, que enfrentam o Projeto Minas-Rio, no território do “Complexo Portuário do Açú” idealizado e iniciado pelo megapresidente Eike Batista, e que conta com o apoio do poder público.

PARÁ

A memória subversiva de Irmã Dorothy, mantida na realização da Romaria da Floresta, a cada ano, vai ser a ex-

*Setor de Comunicação da Secretaria Nacional da CPT.



Cultura

Cantiga de claridão

THIAGO DE MELLO

CAMPONÊS, plantas o grão
no escuro – e nasce um clarão.
Quero chamar-te de irmão.

De noite, comendo o pão,
sinto o gosto dessa aurora
que se desponta da mão.

Fazes de sombras um facho
de luz para a multidão.
És um claro companheiro
mas vives na escuridão.
Quero chamar-te de irmão.

E enquanto não chega o dia
em que o chão se abre em reinado
de trabalho e de alegria,
caminhando juntos, ergamos
a arma do amor em ação.

A rosa já se faz flama
no gume do coração.

Camponês, plantas o grão
no escuro - e nasce um clarão.
Quero chamar-te de irmão.

Assine ou renove sua assinatura

Nome: _____
Endereço: _____
Exemplares: _____

Assinatura anual:

- Brasil R\$ 10,00
- Para o exterior US\$ 20,00

Pagamento pode ser feito através de depósito no Banco do Brasil, Comissão Pastoral da Terra, conta corrente 116.855-X, agência 1610-1. Informações: canuto@cptnacional.org.br

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA

Secretaria Nacional: Rua 19, nº 35, Ed. Dom Abel, 1º Andar, Centro.
CEP 74.030-090 – Goiânia, Goiás

CORREIOS
Mala Direta
Postal Básica
9912277124-DR/GO
COM. PAST. DA TERRA

IMPRESSO

VIA AÉREA